

Abril, o ano acaba

A estratégia do Governo é simples como o fato natural de que já falava Getúlio Vargas ("quando tiver alguma dúvida, opte sempre pelo que é mais natural"). O natural para o presidente Figueiredo é deixar correr o ano final de seu governo sem surpresas e com os menores níveis de desvio na rota previamente traçada. Sim, pois existe uma rota, e essa é a da transição do poder para as mãos de um civil a 15 de março de 1985, sob a égide de uma Constituição escomadada, do espírito inoculado pela Emenda nº 1, editada em 1969 pela Junta Militar.

Para calçar essa estratégia, o Presidente conta com o aspecto natural de um calendário político que a partir desse abril que hoje começa terá fases evolutivamente indicadoras de que o ano político terá para o Governo dois marcos apenas, e o resto acabou. O primeiro, a votação da emenda Dante de Oliveira, no dia 25. O segundo, a Convenção Nacional do PDS a 5 de setembro. Passadas essas duas balizas, resta escrever a história de uma fase política - esse ano de 84 - tão pobre quanto aquilo a que nos leva a inflação.

Os primeiros sinais de recuperação econômica do País, começando pela indústria e já chegando ao comércio, incorporam, na verdade, fatores novos à sucessão presidencial, pois animam o Governo a atuar mais corajosamente, saindo de sua teia circular de complexos de ineficiência e culpa moral. A vitória contra a inflação nos próximos meses, por menor que seja, dará a esse governo a chance de mostrar de novo a cara, nem que seja pela última vez, de forma a providenciar um coroamento mais legítimo para sua programação de normalizar a vida democrática do País.

A conjugação dos dois fatos - a recuperação econômica e a tranqüilidade institucional advinda de uma eventual derrubada da emenda de eleições diretas, já possibilitarão negociações entre os partidos sob fundamentos novos, pois já não haverá tanto medo da parte de um esquema político governamental que se esconde atrás de pesadas capas de suspicácia.

e preconceito político.

É de se recordar que até 82 o governo operou uma das mais brilhantes fases de transformação na vida política e institucional do País, principalmente com a anistia e a convocação de eleições gerais de prefeito a governador. Sucedeu a esse período um retraimento corporal-espiritual, fenômeno que provavelmente poderá ser explicado pelos historiadores do futuro como a intromissão coletiva de um governo que sofreu de coração enquanto seu chefe sofria. No Brasil republicano, o presidente é o ente totêmico responsável pelo padrão emocional e pelo humor da Nação: ele sofrendo de coração, a produção geral cai em termos de exposição de vontade política e capacidade de administrar os conflitos gerados entre Estado e sociedade.

Agora, porém, com as novas motivações que o fazem retornar ao estado inicial de ânimo, notadamente com a possibilidade de traduzir a esperança de mudanças através de uma reforma constitucional abrangente e liberalizadora, o Governo retoma sua presença natural. Não deverá aspirar ao prosclínio do palco: os políticos dominam o cenário. Cabe ao Poder Central tranqüilizar-se e tranqüilizar, pois o ano de 84, a partir deste abril que Elliot já chamava de mais cruel dos meses, será uma tentativa gradual de antecipado encerramento. Senão, vejamos: o Presidente viaja já na próxima sexta-feira para a Espanha e Marrocos e, quando voltar, estará à beira da votação da emenda Dante de Oliveira. Logo depois tem viagem para China e Japão. Sobrevirá o recesso parlamentar. Ninguém tem dúvida de que, findo o interregno de julho, só se respirará convenção. Após essa, virão o final do ano parlamentar, as festas de Natal e o Colégio Eleitoral de janeiro.

Tudo simples demais, assegurado pelas últimas ordens do dia de um 31 de março desse governo, com menos de 12 meses para acabar, e desejoso de ser compreendido no seu natural.

LEONARDO MOTA NETO